

MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE
INSTITUTO CHICO MENDES DE CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE
DIRETORIA DE CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE

**CENTRO NACIONAL DE PESQUISA PARA CONSERVAÇÃO DAS AVES
SILVESTRES**

Programa PIBIC/CNPq - ICMBio

Banco de dados sobre Aves Brasileiras Ameaçadas de Extinção: Estimativa do tamanho populacional

Bolsista: Márcia Soares Amorim
Orientador: Andrei Langeloh Roos

**CABEDELLO
JULHO, 2009**

1. **RESUMO.** Contando com mais de 1800 táxons de aves, o Brasil figura como um dos países megabiodiversos na classe aves. Dentre essas, mais de 240 espécies são endêmicas do país, sendo que grande parte desta biodiversidade atualmente está ameaçada. Atualmente cerca de 160 táxons distribuídos em diversas regiões do Brasil constam na lista oficial nacional de aves ameaçadas. Grande parte da informação disponível na literatura ornitológica se refere à distribuição geográfica das aves, sendo que as publicações que trazem informações sobre as populações de aves ainda é pequena e dispersa, não existindo uma sistematização dessas informações em bancos de dados. Assim este trabalho objetiva buscar e compilar as informações necessárias para a avaliação dos estados populacionais das espécies e identificar as lacunas de conhecimentos sobre as espécies, indicando as áreas prioritárias para pesquisa. Foram consideradas relevantes 47 referências para as espécies da floresta Atlântica nordestina. A partir dessas foram compilados um total de 506 registros de 119 táxons. Somente 23 espécies possuem registros com algum tipo de informação sobre sua biologia e estado populacional. Este fato reforça a importância na compilação e sistematização de informações disponíveis, bem como na identificação de lacunas no conhecimento sobre as espécies e definição de espécies prioritárias para a pesquisa sobre aspectos biológicos básicos.

2. **ABSTRACT:** With more than 1,800 bird species, Brazil is one of world's most mega biodiversity countries. Between these avian biodiversity, more than 240 species are endemic in the country, where much of this biodiversity is currently threatened. Currently about 160 taxa distributed in various regions of Brazil are in the official red list of threatened birds. Much of the information available in the ornithological literature refers to the geographical distribution of birds, and the publications that provide information of bird populations is rare and dispersed, and there is no systematization in databases. So this study aims is to find and compile the necessary information for assessing the population status of threatened species and identify gaps in knowledge about them, indicating the priority areas for research. We find 47 references that were deemed relevant for the northeastern Atlantic forest bird species. From these were compiled a total of 506 records of 119 taxa. Only 23 species have some sort of records with information on its biology and population status. This fact reinforces the importance in the compilation and systematization of information and in identifying gaps in knowledge about the species and definition of priority species for research on basic biological aspects.

3.SUMÁRIO

Resumo.....	1
<i>Abstract</i>	2
Introdução.....	4
Metodologia.....	5
Resultados.....	7
Discussão.....	7
Ações Futuras.....	8
Referências Bibliográficas.....	9

4. INTRODUÇÃO

Contando com mais de 1800 táxons de aves, o Brasil figura como um dos países megabiodiversos na classe aves. Dentre essas, mais de 240 espécies são endêmicas do país (CBRO, 2008), sendo que grande parte desta biodiversidade atualmente está ameaçada. Atualmente cerca de 160 táxons distribuídos em diversas regiões do Brasil constam na lista oficial nacional de aves ameaçadas (MMA, 2003; MACHADO *et al* 2008).

Devido a esta grande biodiversidade, durante muitos anos a Ciência Ornitológica se concentrou principalmente na coleta e registro geográfico dessa biodiversidade. Poucos ornitólogos se dedicavam a estudos acerca da biologia e ecologia das espécies brasileiras. Somente nos últimos anos, os ornitólogos têm dado mais atenção aos estudos que forneçam informações sobre as populações de aves, dados biológicos e suas relações ecológicas (SICK, 2001).

A quantidade de informações publicadas que trazem informações sobre as populações de aves ainda é pequena e dispersa, não existindo uma sistematização dessas informações em bancos de dados de fácil acesso. Também não há modelagens que avaliem a área total de distribuição dos táxons, que considere informações como abundância populacional, áreas protegidas e remanescentes florestais, e que possibilite análises espaciais e estimativas populacionais destas espécies. Esse conhecimento é necessário para qualificar e aprimorar as análises de redução populacional das espécies, bem como para subsidiar planos de conservação e manejo de aves ameaçadas (MARINI, GARCIA 2005a e b; GARCIA, MARINI, 2006).

O objetivo desse trabalho é buscar as informações necessárias para subsidiar as ferramentas de diagnóstico, planejamento e monitoramento, a partir da criação de um banco de dados de informações das espécies, que irão alimentar o SISTAXON e subsidiarão as futuras revisões da lista de aves ameaçadas de extinção. A criação de um banco de dados georreferenciados com informações sobre as populações as aves brasileiras é, portanto, fundamental para permitir a avaliação dos estados populacionais das espécies e identificar as lacunas de conhecimentos sobre as espécies, indicando as áreas prioritárias para pesquisa.

5. METODOLOGIA

As informações para desenvolvimento do banco de dados sobre aves brasileiras ameaçadas de extinção foram levantadas através de revisão bibliográfica, onde se

buscou dados principalmente sobre a biologia reprodutiva e estimativa populacionais das espécies, quer seja por índices de frequência e abundância ou censos populacionais.

Foi dado enfoque para as espécies de aves da Floresta Atlântica nordestina e aquelas com algum grau de ameaça em listas anteriores, devido a grande quantidade de táxons presentes na lista tanto na lista oficial brasileira (CBRO 2008) quanto na lista de aves ameaçadas (MMA 2003).

O levantamento e obtenção de referências e compilações de dados foram feitas através de fontes de literaturas especificadas sobre Ornitologia, onde se utilizaram como palavras-chave os nomes científicos, sinónimas, nomes em inglês e nomes populares dos táxons enfocados. As referências foram pesquisadas e adquiridas nos acervos bibliográficos digital e físico do CEMAVE, no *Searchable Ornithological Research* (SORA) para busca de artigos de revistas científicas como *Auk*, *Condor* e *Wilson Bulletin*; no Google Acadêmico, portal CSA, Portal da Pesquisa, na Revista Brasileira de Ornitologia, no Comitê Brasileiro de Registros Ornitológico, *South American Classification Committee* (SACC), *BirdLife Data Zone*, no Portal de Periódicos CAPES e em consulta à Plataforma *Lattes*, para referências dos autores dos trabalhos consultados.

Os dados compilados foram armazenados em planilhas do *Microsoft Office Excel e Access 2007*, onde todas as informações relevantes ficam associadas aos dados taxonômicos das espécies e de ocorrência das mesmas. Além dos dados taxonômicos e de ocorrência foram compilados dados sobre o tamanho da área ou fragmento dos registros, número de indivíduos registrados, abundância populacional, tamanho de grupo, área de uso de grupo.

A partir dos dados de distribuição, números populacionais e biologia reprodutiva será possível realizar uma estimativa dos tamanhos populacionais das espécies foco e fazer uma avaliação macro das tendências populacionais de cada táxon.

Utilizou-se a classificação taxonômica do Comitê Brasileiro de Registros Ornitológico (CBRO, 2008) e para busca por sinónimas e nomes comuns foram consultados o CBRO, SACC, ITIS, INFONATURA, *Handbook of the Birds of the World*, Sick (1997). Registrou-se também, outras sinónimas e outros nomes populares que foram encontrados nos artigos compilados.

Também foi realizado busca pelos nomes dos principais pesquisadores para os táxons enfocados, como: Roda, Azevêdo-Júnior, Farias, Silveira, Pinto, Coelho, Berla, Pacheco, de Lyra-Neves, Novaes, Wege, Almeida, Telino-Júnior, Teixeira, Willis,

Zenaide, Mazzar Barnett, Camargo, Silva.

6. RESULTADOS

Foram consideradas relevantes 56 referências para as espécies da floresta atlântica nordestina. A partir dessas foram compilados um total de 506 registros de 119 táxons. Os táxons que apresentaram as maiores quantidades de registros foram: *Picumnus exilis pernambucensis* com 26 registros, *Thamnophilus caerulescens pernambucensis* com 24 registros, *Thalurania watertonii* com 23 registros, *Conopophaga melanops nigrifrons* com 22 registros, *Myrmeciza ruficauda soror* com 21 registros, *Pyriglena leuconata pernambucensis*, com 21 registros, *Touit surdus* com 20 registros, *Dentrocinta fuliginosa taunayi* e *Xiphorhynchus fuscus atlanticus* ambos com 18 registros, *Synallaxis infusca* com 17 registros, *Terenura sicki* com 16 registros, *Cercomacra laeta sabinoi* com 15 registros, *Thamnophilus aethiops distans* com 13 registros, *Brotogeris tirica*, *Florisuga fusca*, *Momotus momota macgraviana*, *Conopophaga lieata cearae*, todos com 12 registros. Estes registros são referentes principalmente à ocorrência, sendo associados a alguma localidade, sem apresentarem dados sobre a biologia das espécies.

A maioria dos dados trouxe resultados de distribuição geográfica, sendo poucas que apresentam dados com resultados biológicos.

Somente 23 espécies possuem registros com algum tipo de informação sobre sua biologia. A espécie que apresentou o maior número de registros de dados biológicos foi o udu-de-coroa-azul, *Momotus momota*, embora muita das informações disponíveis seja para a subespécie que ocorre no sul e sudeste.

Segundo Roda (2003), os frugívoros aéreos e os nectarívoros, dependem espacial e temporariamente dos recursos alimentares. Alguns táxons conseguem se deslocar para lugares onde esses recursos são mais favoráveis.

Nome dos principais Táxons ameaçados:

1. Pica-pau-anão-de-pintas-amarelas, Golden-spangled Piculet, *Picumnus exilis* (Lichtenstein, 1823).

- a. **Sinonímia.** *Picus exilis* (Lichtenstein, 1823).
- b. **Subespécie e Distribuição.** Pica-pau-anão-dourado. *Picumnus exilis pernambucensis* (Zimmer, 1947) encontrada principalmente no Litoral de Pernambuco e Alagoas, Nordeste brasileiro. (DEL HOYO, ELLIOTT, SARGATAL, 2002).

- c. **Nº de registros.** 26
- d. **Registros.** Mamanguape, Localizado no litoral norte da Paraíba (ALMEIDA, 1995). Boca da Mata (RODA, 2005), Campo Alegre (RODA, 2005; PINTO, CAMARGO, 1961), Murici (RODA, 2005), Quebrânculo (RODA, 2005), São José da Laje (RODA, 2005; RODA, 2003), São Miguel dos Campos (RODA, 2005), Coruripe (SILVEIRA, 2003), Fleixeiras (SILVEIRA, 2003), Rio largo (SILVEIRA, 2003), do estado de Alagoas. Municípios de Cabo de Santo Agostinho (RODA, 2005), Jaqueira (RODA, 2003; RODA, 2005). Rio Formoso (RODA, 2005), no Estado de Pernambuco, São Lourenço da Mata (AZEVEDO-JUNIOR, 1990; COELHO, 1983). Paulista, (FARIAS, BRITO, PACHECO, 2002), Recife (FARIAS, BRITO, PACHECO, 2002; FARIAS, 1996; AZEVEDO-JUNIOR et al., 1998), Serinhaem (RODA, 2003;), Tamandaré (RODA, 2003), Timbauba (RODA 2003; RODA, 2002) no Estado de Pernambuco.
- e. **Hábitat.** Encontrada em Florestas Tropicais e Florestas úmidas (floresta coberta de nuvens) de crescimento secundário, mangues, além de lugares abertos como, por exemplo, no Cerrado. Habitam beiras de rios e bambuzais. Podendo ser encontrado a 1900 m de altitudes. (DEL HOYO, ELLIOTT, SARGATAL, 2002).
- f. **Biologia alimentar.** Formigas é o único tipo de alimento documentado. Vocaliza intensamente quando estiver forrageando em grupos familiares, aos pares ou em formação com bandos mistos (Tamgara cyanocephala, Herpsilochmus rufimarginatus, Dendrocicla fuliginosa, Xiphorrhynchus fuscus atlanticus, Xenops minutus) nos substratos inferiores da floresta, a 1-5 m. Movimenta de maneira similar ao Paridae, muitas vezes pendurados em galhos finos (DEL HOYO, ELLIOTT, SARGATAL, 2002).
- g. **Biologia Reprodutiva.** Na Venezuela e Suriname a reprodução vai de Dezembro a Março. A monogamia e o sistema de procriação são predominantes entre os Picidae. O ninho é feito de maneira sucursal, escavado em madeira macia. É associado com uma contribuição relativamente alta dos machos na construção dos ninhos que são furados com várias bicadas em troncos de árvores. Seus ovos são de cor branca; o casal vigia com cuidado a sua prole; Como regra, o macho cuida dos ovos ou do jovem durante a noite. Já durante o dia, são precisos ambos os pais incubar os ovos e elevar o jovem. O fato que o macho desempenha a maioria do trabalho escavando, e também leva uma boa parte nos deveres parentais, é a chave para entender a procriação e sistemas sociais desta família. Há poucas informações

disponíveis no território das espécies tropicais. Embora existam pequenas informações do comportamento territorial. Os pica-paus que vivem em zonas temperadas são bem mais documentados. Nenhuma outra informação disponível (DEL HOYO, ELLIOTT, SARGATAL, 2002).

- h. **Movimentação.** Presumivelmente, residente (DEL HOYO, ELLIOTT, SARGATAL, 2002).
- i. **Status e Conservação.** Globalmente não ameaçada, entretanto é uma espécie muito pouco conhecida; não há dados de números disponíveis, possivelmente incomum. Ocorre no Parque estadual de Pedra Talhada, no Brasil e na Reserva Florestal de Itamaca e em El Dourado, na Venezuela. É encontrado em vários ambientes abertos, inclusive em florestas perturbadas pelas atividades antrópicas, podendo ser levados nos ambientes expandidos. (DEL HOYO, ELLIOTT, SARGATAL, 2002).

2. Choca-da-mata-do-nordeste, Variable Antshrike, *Thamnophilus caerulescens* (Vieillot, 1816).

- a. **Sinonímia.** *Thamnophilus caerulescens* (Vieillot, 1816).
- b. **Subespécie e Distribuição.** choca-da-mata-do-nordeste, *Thamnophilus caerulescens pernambucensis* (Naumburg, 1937). Geralmente é comum e abundante em várias localidades do estado de Pernambuco (MACHADO et al, 2008).
- c. **Nº de registros.** 24
- d. **Registros.** Murici, (RODA, 2005), São José da Lage (RODA, 2005; RODA, 2003), São Miguel dos Campos (RODA, 2005), Quebrangulo (PINTO, 1964) em Alagoas. Cabo de Santo Agostinho (RODA, 2005), jaqueira (RODA, 2005; RODA, 2003; RODA, 2002), Rio Formoso (RODA, 2005), Recife (BERLA, 1946; FARIAS 1996; AZEVEDO-JÚNIOR, 1998) São Lourenço da Mata (AZEVEDO-JUNIOR, 1990; COELHO, 1979), Caruaru (RODA, 2003), Sirinhaem (RODA, 2003) Tibaubá (RODA, 2003; RODA, 2002) Barra de Santo Antonio (SILVEIRA, 2003), Coruripe (SILVEIRA, 2003), Flexeiras (SILVEIRA, 2003), Rio largo (SILVEIRA, 2003) e Paulista (FARIAS, 1995), em Pernambuco.
- e. **Habitat.** Habitam em vários substratos de florestas verdes, e florestas de crescimento secundário, manchas de florestas; moitas de árvores em regiões abertas. Mais uma ave de borda de floresta, encontrada em arbustos e arbustivos de

áreas abertas, e florestas densas, além de florestas maduras, no interior desta, muitas vezes permanecem em remanescentes altamente degradados (DEL HOYO, ELLIOTT, CHRISTIE, 2003).

- f. **Biologia alimentar.** Pouca literatura publicada. Alimenta principalmente de insetos, inclusive de lepidópteros e larva desta, Tettigoniidae, Acrididae, Mantidae, Phasmatidae (insetos), Hemiptera e Homoptera, Coleoptera, bem como aranhas e outros artrópodes semelhantes. Um par foi visto no Rio de Janeiro, Brasil, consumindo três frutas de Melastomataceae. A ave resgata uma alimentação a base de frutos, ela engoliu, após, cuspiu fora, o que parecia um fino papel de pele e casca. Além disso, observou-se alimentando de bagas de Myrsinaceae. Forrageiam aos pares ou sozinhos, a 1-8m acima do solo (principalmente a 1-5m). Muitas vezes em situações mais abertas que outros choca-da-mata. Grande variação individual no ritmo de forrageamento; muitas vezes avança deliberadamente por saltos curtos separados por pausa de 3 a 15 segundos (mais típico destas aves), frequentemente, evolui com constantes saltos rápidos, com pausa que variam de 1 a 2 segundos (DEL HOYO, ELLIOTT, CHRISTIE, 2003).
- g. **Biologia Reprodutiva.** No Brasil sua reprodução varia de outubro a fevereiro. Na Bolívia e Peru vai de agosto a novembro e na Argentina de outubro a dezembro. O ninho das fêmeas é em forma de taça, com diâmetro de seis cm e uma espessura de cinco cm, feito de finas folhas de ervas, haste, pecíolo, talo, a partir de ramos finos. Coloca seus ninhos em arbusto secos em forma de garfo que fica acima solo (DEL HOYO, ELLIOTT, CHRISTIE, 2003).
- h. **Movimentação.** Vocaliza em lugares no norte da Argentina além de algumas movimentações no sul deste país. Presumidamente, residente em diversos remanescente (DEL HOYO, ELLIOTT, CHRISTIE, 2003).
- i. **Status e Conservação.** Globalmente, não ameaçada. Bastante comum. A maior parte sobre sua extensa faixa, que inclui o número de áreas protegidas. A espécie adaptou em ambientes de borda, florestas de mata secundária, menos sensíveis a habitar, em ambiente antrópicos. No Brasil, estudos de remanescente florestais no Paraná indicaram uma redução significativa do qual diminuiu para 0.5 ha. No nordeste do Brasil, contudo, a conservação da espécie *cearensis* é preocupante. Desde os limites de floresta úmida a variação da faixa de remanescente foi largamente reduzida, como exemplo Reserva Ecológica de Murici e o Parque Estadual de Pedra Talhada, em Alagoas. A vegetação é toda rodeada por cana-de-

açúcar e desenvolvimento da agricultura em larga escala. Uma forte corrida na região da Serra de Baturité foi categorizada para EBA auxiliar como início no ambiente de duas espécies restritas, *Picumnus limae* a *Hemitriccus mirandae*, classificadas como vulneráveis. A pouca área monitorada de ambientes úmidos e florestas semidecíduais, na região de Baturité, pouco números foram apurados e a necessidade esta, na proteção. (DEL HOYO, ELLIOTT, CHRISTIE, 2003).

3. Beija-flor-das-costas-violetas, Long-tailed woodnymph, *Thalurania watertonii* (Bourcier, 1847).

- a. **Sinonímia.** *Trochilus Watertonii* (Bourcier, 1847)
- b. **Subespécie e Distribuição.** Encontrada no norte-nordeste do Brasil que vai de do Pará ao Pernambuco até a Bahia. Também possível nas Guianas, onde são conhecidos de espécime tipos. (DEL HOYO, J., A. ELLIOTT; CHRISTIE, 1999).
- c. **Nº de registros.** 23
- d. **Registros.** Boca da Mata (RODA, 2005), Murici (RODA, 2005) São José da Lage (RODA, 2005; RODA, 2003; RODA, 2004), São Miguel dos Campos (RODA, 2005), Quebranculo (PINTO, 1964), Coruripe (RODA, 2003), Barra de Santo Antonio (SILVEIRA, 2003), Flexeiras (SILVEIRA, 2003), no estado de Alagoas. Cabo de Santo Agostinho (RODA, 2005; DE LYRA-NEVES, 2004), Jaqueira (RODA, 2005; RODA, 2003; RODA, 2002), Rio Formoso (RODA, 2005), Igarassu (BERLA, 1946), Sirinhaem (RODA, 2003), Tamandaré (RODA, 2003; RODA, 2002), Timbauba (RODA, 2003; RODA, 2002), em Pernambuco, Itabaiana (PACHECO, 1994), Sergipe.
- e. **Hábitat.** No litoral da floresta tropical, cerrado, áreas semi-abertas, parques e plantações, podem ser vista a 500m do nível do mar. Forrageia a abaixas e médias alturas, normalmente à periferia da vegetação (DEL HOYO, J., A. ELLIOTT; CHRISTIE, 1999).
- f. **Biologia Reprodutiva.** De novembro a fevereiro, ninho é moldado em forma de xícara. É construída a matriz horizontal em arbusto ou árvores pequenas, normalmente protegidas pendendo folhas, seu ninho fica a uma altura de 1,5-2,5 m sobre o chão. Coloca cerca de dois ovos sendo incubado de 14 a 15 dias, por fêmea.
- g. **Movimentação.** Residente, alguns vagam no interior da mata durante florescer da estação (DEL HOYO, J., A. ELLIOTT; CHRISTIE, 1999).

h. **Status e conservação.** Globalmente, não ameaçado. Provavelmente comum; a espécie é ótima para ambientes de conservação eles se espalham nas árvores e lá permanecem. Comum próximo às quedas de Iguaçu brasileira. Com densidade 2-3 par / km². Ocorre no Parque Nacional Monte Pascoal, Bahia e no Parque Estadual Pedra Talhada (DEL HOYO, J., A. ELLIOTT; CHRISTIE, 1999).

4. Cuspidor-de-máscara-preta, Black-cheeked, *Conopophaga melanops* (Vieillot, 1818).

a. **Sinonímia.** *Platyrhynchos melanops* (Vieillot, 1818)

b. **Subespécie e Distribuição.** *Conopophaga melanops nigrifrons* (Pinto, 1954), encontrada na costa nordestina ao sul da Paraíba a Alagoas (DEL HOYO, ELLIOTT, CHRISTIE, 2003).

c. **Nº de registros.** 22

d. **Registros.** Campo Alegre (RODA, 2005; PINTO, 1964), Murici (RODA, 2005), São Miguel dos Campos (RODA, 2005), Coruripe (RODA, 2003), São José da Lage (RODA, 2003), Barra de Santo Antonio (SILVEIRA, 2003), Rio Largo (SILVEIRA, 2003), localizados em Alagoas. Cabo de Santo Agostinho (RODA, 2005) Jaqueira (RODA, 2005; RODA, 2003; RODA, 2002), Rio formoso (RODA, 2005), Recife (BERLA, 1946; FARIAS 1996; AZEVEDO-JÚNIOR, 1998; NOVAES 1947), São Lourenço da Mata (AZEVEDO-JÚNIOR, 1990), Sirinhaem (RODA, 2003), Tamandaré (RODA, 2003), Timbauba (RODA, 2003; RODA, 2002) em Pernambuco.

e. **Hábitat.** Com suas pernas longas e cauda curta, são aves que vivem próximo ao chão (BUZZETTI; SILVA, 2005), no interior de mata escura, em ambientes sombrios (BUZZETTI; SILVA, 2005; DEL HOYO, ELLIOTT, CHRISTIE, 2003), frequentemente, ao longo de seu fluxo, e em florestas densa de crescimento secundário. Sobras de floresta seca do Paraíba do sul, no estado do Rio de Janeiro, a espécie habita ambientes com cerca de 800 m acima do nível do mar (DEL HOYO, ELLIOTT, CHRISTIE, 2003).

f. **Biologia alimentar.** Consomem pequenos artrópodes. Forrageiam no ou próximo ao chão, catam seu alimento entre as folhagens, pegam objetos com bicadas curtas, de modo a espigar. (DEL HOYO, ELLIOTT, CHRISTIE, 2003).

g. **Biologia Reprodutiva.** Ocorre nos meses de outubro a novembro entre Bahia e Paraná (DEL HOYO, ELLIOTT, CHRISTIE, 2003). O *Conopophaga melanops*

constrói seus ninhos geralmente sobre bromélias samambaias a menos de um metro de altura do chão. O casal se reveza na tarefa de incubar os ovos: o macho permanece no ninho pela manhã, e a fêmea no período da tarde e a noite (BUZZETTI; SILVA, 2005). Os ninhos encontrados no sul da Bahia eram feitos a 0,8 m do chão. Outro no Paraná era de 0,6 m sobre o chão apoiado por um talo de heliconia (heliconiaceae) (DEL HOYO, ELLIOTT, CHRISTIE, 2003). Poe dois ovos bege com manchas castanhas concentrada na parte mais larga (BUZZETTI; SILVA, 2005; DEL HOYO, ELLIOTT, CHRISTIE, 2003). Incubam seus ovos por cerca duas semanas. No final desta os adultos permitem aproximação íntima antes da prole deixar o ninho (DEL HOYO, ELLIOTT, CHRISTIE, 2003).

h. **Movimentação.** Residente

i. **Status e Conservação.** Globalmente, não ameaçada. Geralmente comum. Razoavelmente comum na Reserva Ecológica de Murici, na Reserva Biológica Una, Reserva Biológica Sooretama e Reserva Natural Linhares (DEL HOYO, ELLIOTT, CHRISTIE, 2003).

5. Formigueiro-de-cauda-ruiva, Scalloped Antbird, *Myrmeciza ruficauda*

a. **Sinonímia.** *Myiothera ruficauda* (WIED, 1831)

b. **Subespécie e Distribuição.** *Myrmeciza ruficauda soror* encontrada principalmente, no litoral nordestino entre sul da Paraíba a Alagoas. (DEL HOYO, J., A. ELLIOTT; CHRISTIE, 2003).

c. **Nº de registros.** 21

d. **Registros.** Murici (WEGE, 1995), Quebrânculo (WEGE, 1995), Campo Alegre (RODA, 2005; PINTO, 1954), São José da Lage (RODA, 2005; RODA, 2003), localizados em Alagoas. Mamanguape (ALMEIDA, 1995), na Paraíba. Cabo de Santo Agostinho (RODA, 2005) Jaqueira (RODA, 2005; RODA, 2003; RODA, 2002), Igarassu (BERLA, 1946), São Lourenço da Mata (AZEVEDO-JÚNIOR, 1990; COELHO, 1979; COELHO, 1985), Caruaru (RODA, 2003), Sirinhaem (RODA, 2003), Tamandaré (RODA, 2003), Timbauba (RODA, 2003; RODA, 2002) em Pernambuco.

e. **Habitat.** Moram em florestas perenes úmidas e semi-úmidas. Crescem em bosques de vegetação secundários e algumas vezes, florestas contínuas de crescimento secundário; podem ser visto, principalmente, abaixo de 550 metros, raramente para

950 metros. *Myrmeciza ruficauda soror* gostam de florestas úmidas sombreadas e outras preferem lugares onde a luz é penetrada.

- f. **Biologia alimentar.** Pouco se publicou. Alimenta de vários insetos e outros artrópodes. Na análise estomacal encontraram-se três gafanhotos (Acrididae), três aranhas (Araneae), um besouro (Coleoptera), uma barata (Blattidae). Também observou levando grilos (Gryllidae) e millípedes (Diplopoda). As larvas de moscas (Stratiomyidae) também representam um componente muito importante da dieta de *Myrmeciza ruficauda* (LOPES, FERNANDES, MARINI, 2005). Ave altamente terrestre. Indivíduos ou grupos familiares forrageiam principalmente no chão (há pouco sobre isto) e próximo de rebanhos com espécies mistas, normalmente em áreas sombreadas do substrato inferior da floresta, com folhas bem desenvolvidas, frequentemente, próximo a serapilheira e em arbustos lenhosos. Relatos de *Myrmeciza ruficauda soror*, em Alagoas: o formigueiro-de-cauda-ruiva gasta a maioria do tempo procurando alimento na serapilheira que progride com curtos pulos, enquanto parado troca a folha regularmente mexendo na folhagem, com um estalinho vigoroso de folhas secas, às vezes apanha as folhas e a lança. Ocasionalmente, escava de modo que sua cabeça fica debaixo das folhagens e dá pequenos pulos em poleiros próximos ao chão. Suas retrizes são abanadas, frequentemente, em forma de meio leque, que então emergiu lentamente, e sacudiu a cauda para cima mais rapidamente (DEL HOYO, J., A. ELLIOTT; CHRISTIE, 2003) a presença antrópica poderá ter influenciado neste comportamento.
- g. **Biologia Reprodutiva.** Como a maioria dos pássaros é monógama, onde fazem o par para vida e que defendem o território durante todo ano. Os ninhos são achados, principalmente, entre abril e outubro. Estes ninhos podem ser feitos e incubados entre as folhagens secas do chão. Mesmo com a presença de *flash* fotográficos, o pássaro fica camuflado e imperceptível. Como virtualmente acontece com todos os pássaros, o encobrimento eficiente dos ninhos é vital para manter o sucesso reprodutivo sobre o limiar necessária sobrevivência. O condicionamento das gônadas das fêmeas como, por exemplo, ovo maduro, a ovulação delas acontece em novembro, no Espírito Santo. Detalhes seguintes para Alagoas: o ninho é construído, principalmente, de folhas secas, como por exemplo, de Cyperaceae, enfileirado com fibras de cogumelos (*Marasmius*) e às vezes talos de haste e pecíolos. Colocam dois ovos brancos de 22x16,5 mm, intensamente marmoreado com pintas castanho-avermelhados e alguns linhas mais escuras. O casal se reveza

na tarefa de tomar conta da prole, por 15 dias para um ninho. Durante cerca de 160 observações feita pela manhã a um ninho com dois filhotes, o casal chegavam juntos, entretanto o macho fazia oito visitas e a fêmea seis, para entregar insetos inteiros de nove milípedes e quatro baratas, dois grilos e uma rã pequena, os filhotes se alimentam rapidamente (DEL HOYO, J., A. ELLIOTT; CHRISTIE, 2003).

h. **Status e Conservação.**

6. Udu-de-coroa-azul, Blue-crowned motmot, *Momotus momota* (Chapama, 1923)

a. **Sinonímia.**

b. **Subespécie e Distribuição.** Os momotidae são aves florestais restritas as Américas, ocorrendo no sul do México ao norte da Argentina. A família possui seis gêneros e 15 espécies, dos quais três gêneros e quatro espécies ocorrem no Brasil: *Electron platyrhynchum*, *Baryphthengus ruficapillu*, *Baryphthengus martii* e, finalizando, o *momotus momota* (DE MELO, PIRATELLI, 1999)

c. **Nº de registros:** 14

d. **Registros.** Campo Alegre (RODA, 2005; PINTO, 1954), Coruripe (RODA, 2003), Flexeiras (SILVEIRA et al, 2003), Murici (RODA, 2005), Rio Largo (SILVEIRA et al, 2003), São José da Lage (RODA, 2003; SILVEIRA et al, 2003), São Miguel dos Campos (RODA, 2005) localizados em Alagoas. Mamanguape (ALMEIDA, 1995), na Paraíba. Cabo de Santo Agostinho (RODA, 2005), Sirinhaem (RODA, 2003), São Lourenço da Mata (AZEVEDO-JÚNIOR, 1990; COELHO, 1979) em Pernambuco.

e. **Hábitat.** *M. momota* abundante em alguns ambientes, notadamente os florestais, mata ciliares, cerradões e cerrado *sensu strictu* na região de três Lagoas, leste de Mato Grosso do Sul, sua preferência por mata ciliar, provavelmente está relacionado à suas exigências ecológicas. A presença desta espécie na região foi detectada também em matas de galerias nos municípios de Selvíria e Brasilândia (DE MELO, PIRATELLI, 1999). As dez espécies de momotidade acontecem em grande variedade de habitats mais arborizados, de floresta úmida para árido decíduo.

f. **Biologia alimentar.** Artrópodes, coleópteros, ortópteros e larvas de vários tipos e pequenos lagartos são capturados de maneira ocasional. A mata ciliar parece apresentar uma série de recursos favoráveis, como abundância de frutos, insetos, e presença de barrancos, possíveis locais de nidificação. Foi vista próxima a sede de uma fazenda (MS) no interior de eucalipitais, isto se deve provavelmente a presença

de insetos, para o forrageamento, mas também podem ser encontrados frutos no sub-bosque dos eucaliptos. Encontrou mancha de vegetação nativa na sede da fazenda, podendo oferecer abrigo noturno. A espécie alimenta-se ao chão, sendo os indivíduos pousados a pouca altura. No início da manhã saem à procura de alimentos e, uma vez saciado, diminui sua atividade, o que pode estar relacionado com a elevação da temperatura, ao entardecer, retornam ao forrageio. Pode ser considerado um dispersor de sementes (DE MELO, PIRATELLI, 1999).

- g. **Biologia Reprodutiva.** A época de reprodução no Brasil acontece de setembro a janeiro, compreendendo desde a procura de parceiros até o fim de cuidados com a prole. A espécie nidifica em buracos e barrancos, podendo aproveitar aqueles escavados por outros animais. Verificou-se, em Três Lagoas, o indivíduo vocalizando intensamente no buraco na mata ciliar (DE MELO, PIRATELLI, 1999).
- h. **Movimentação.** Um estudo feito em Três Lagoas, Brasilândia e Selvíria, Mato Grosso, nos anos de 1994 a 1997, num total de 129 dias de campo, constatou uma possível sedentariade, pois os indivíduos foram recapturados no mesmo local, no intervalo de tempo eventualmente curto. Como não foi recapturada no cerrado, segundo o estudo, sugerindo que a espécie utilizaria esses ambientes como corredores de passagens de uma mata para outra. O período mais ativo ocorreu entre 5:00h e 9:00h da manhã, diminuindo a intensidade durante os horários mais quentes e crescendo no início do entardecer (DE MELO, PIRATELLI, 1999)
- i. **Status e Conservação.** A espécie corre risco de ter suas populações reduzidas, devido à formação do lago artificial da Usina de Porto Primavera (DE MELO, PIRATELLI, 1999).

7. DISCUSSÃO

Devido à grande degradação ambiental sofrida pela Mata Atlântica nordestina desde os tempos de colonização, essa está hoje reduzida a uma pequena porcentagem da sua extensão original, sobretudo dividida em pequenos fragmentos de mata. Por conseqüência a avifauna associada também sofreu bastante com essa redução estando hoje restrita a remanescentes e apresentando inúmeros táxons ameaçados (BENCKE *et al.* 2006).

Ainda que existam referências sobre a ocorrência dos táxons, ainda são poucas as referências sobre dados populacionais e biológicos das aves, e de suas relações ecológicas. Este fato reforça a importância na compilação e sistematização de

informações disponíveis, bem como na identificação de lacunas no conhecimento sobre as espécies e definição de espécies prioritárias para a pesquisa sobre aspectos biológicos básicos.

O Centro Pernambuco é composto biogeograficamente por biotas distintas. Alguns se originaram no próprio Centro Pernambuco, outros apresentam uma distribuição restrita ao nordeste brasileiro (RODA, 2003).

Com base nas atualizações do sistema o enfoque foi somente para as aves do Nordeste Brasileiro, devido às poucas informações referente para centro de endemismo de Pernambuco, são raras as informações para essa localidade. Muitas espécies estão classificadas nas categorias de maior vulnerabilidade (RODA, 2003). A extinção mais recente da região nordeste é a do *Mitu mitu*.

A maioria das aves do Centro Pernambuco está associada aos ambientes florestais, classificadas com dependente e semidependente das florestas desta parte do nordeste (RODA, 2003). As espécies que apresentam uma área de distribuição mais ampla geralmente expressam uma maior resistência aos processos de extinção (RODA, 2003).

Isto enfoca a necessidade de estudos ornitofaunísticos mais detalhados e específicos para cada região do Brasil. Principalmente que, as principais causas destas regiões são o desmatamento e alterações seguidas de destruição dos habitats, são os principais motivos relacionados ao declínio. Outros efeitos negativos, significativo, da fragmentação podem ser pela diminuição do número de espécies de aves, aumentando a taxa de predação nos ninhos, e o aumento dos níveis de infestação por ectoparasitas e a ampliação (MARINI, 2000) do efeito de borda (MARINI, 2000; RODA, 2005).

8. AGRADECIMENTOS

Ao CEMAVE pela a oportunidade de realização do trabalho e, ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pela concessão da bolsa.

9. REFERÊNCIAS

- BENCKE, G.A., MAURICIO, G.N., DEVELEY, P. F. GOERCK, J. M. *Áreas importantes para a conservação das aves no Brasil: parte 1* – estados do domínio da Mata Atlântica. São Paulo: *SAVE Brasil*, 494 p. 2006.
- BUZZETTI, D. **Berços da vida**: ninhos de aves brasileiras/ texto Dante Buzzetti; fotos do autor, Silvestre Silva. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 1 ed, 2005.

- CBRO - Comitê Brasileiro de Registros Ornitológicos. Lista das aves do Brasil. Versão 5/10/ 2008. Disponível em: <<http://cbro.org.br>>. Acesso em: 10 mai. 2009.
- DEL HOYO, J.; ELLIOTT, A.; CHRISTIE, D (ed.). **Handbook of the Birds of the World.** broadbills to Tapaculos. Vol. 8. Barcelona: Lynx Edicions. 845p. 2003.
- DEL HOYO, J., ELLIOTT, .A.; SARGATAL, J. (ed.). **Handbook of the Birds of the World..** Jacamars to Woodpeckers. Vol. 7. Barcelona: Lynx Edicions. 613p. 2002.
- DEL HOYO, J., A. ELLIOTT, .A. SARGATAL, J. (ed.). **Handbook of the Birds of the World..** Barn-owls to Hummingbirds Vol. 5. Barcelona: Lynx Edicions. 759 p. 1999.
- DE MELO, F. P.; PIRATELLI, A. J. Biologia e ecologia do Udu-de-coroa-azul (*Momotus momota*: Aves, Momotidae). *Ararajuba*, n.7 v. 2 p. 57-61, dez.1999.
- GARCIA, F. I.; MARINI, M. A. Estudo comparativo entre as listas global, nacional e estaduais de aves ameaçadas no Brasil. *Natureza & Conservação* n .4, v.2, p. 24-49. 2006.
- LOPES, L. E.; FERNANDES, A. M.; MARINI M. A. Diet of some Atlantic Forest birds. *Ararajuba*, n. 13, v.1, p. 95-103, Jun. 2005.
- MACHADO, A.B.M.; DRUMMOND, G.M.; PAGLIA, A.P. (ed.). **Livro vermelho da fauna brasileira ameaçada de extinção.** Brasília: MMA, (Biodiversidade 19) 1420p. 2008.
- MARINI, M. A.; GARCIA, F. I. Conservação de aves no Brasil. *Megadiversidade*, n. 1 v. 1, p. 95-102. 2005 a.
- MARINI, M. A; GARCIA, F. I. Bird Conservation in Brazil. *Conservation Biology*, n.19, v. 3, p. 665-671, 2005 b.
- MARINI, M. A. Efeitos da fragmentação florestal sobre as aves em Minas Gerais. In: Alves, M. A. S.; SILVA, J. M. C.; VAN SLUYS, M.; BERGALHO, H. G. & ROCHA, C. F. D. (orgs). **A ornitologia no Brasil: pesquisa atual e perspectivas.** EDUERJ, Rio de Janeiro, Brasil, p. 41 – 54.
- MMA. 2003. Instrução Normativa N° 03, de 27 de maio de 2003: Lista Oficial das Espécies da Fauna Brasileira Ameaçadas de Extinção. Ministério do Meio Ambiente, Brasília, Brasil. Diário Oficial da União – Seção 1, n. 101 p. 88-97.
- RODA, S.A. Aves do Centro de Endemismo de Pernambuco: Composição, biogeografia e conservação. Tese de Doutorado. Belém, Universidade Federal da Pará / Museu Paraense Emílio Goeldi, 2003.
- RODA, S.A. Distribuição de aves Endêmicas e Ameaçadas em Usinas de Açúcar e Unidades de Conservação do Centro Pernambuco. Recife: Cepan mar. 2005.
- SICK, H. **Ornitologia Brasileira.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 862p. 2001